



Ponto de Vista

“Educação, Competitividade e Responsabilidade Social Empresarial”

Celso Foelkel

Globalização, novas formas de gestão e novas tecnologias estão criando uma nova economia onde o espaço de competição passou a ser o planeta e o timing passou a ser o clic. As tecnologias de informação e comunicação estão tornando o planeta pequeno e nervosamente unido por redes digitais dinâmicas. As tecnologias de automação e robotização tornam as fábricas mais eficientes, menos populosas e com custos operacionais menores para continuarem vencedoras no processo de competição. As regras da competitividade estão agora redefinidas não apenas pela produção e logística, mas também pela inteligência empresarial. A economia industrial se baseava até recentemente na gestão de recursos escassos, onde nações e corporações competiam por eles para fazer produtos e serviços a serem vendidos para consumidores cada vez mais exigentes por qualidade e preço. Na nova economia os recursos são em grande parte intangíveis e relacionais, dispostos a baixo preço e a quem queira utilizá-los. Há abundância de informações, conhecimentos e idéias. Vencem os que sabem encontrar talentos e idéias e que as implementam rápida e eficientemente. É a economia baseada em gente competente e talentosa. Hoje os países mais competitivos são os que possuem mais caro custo do trabalho, pois dependem de

peessoas talentosas, cultas e educadas, com alta capacidade de geração de conhecimentos e de idéias. É o caso da Finlândia, Suécia, Dinamarca, Alemanha, Estados Unidos, Suíça, Austrália, Reino Unido e Holanda. Os talentos humanos para manter essa rede dinamicamente competitiva precisam ser cultos, falar inglês e ter alta conectividade na Web. Em resumo, educação, trabalho e competitividade precisam necessariamente morar no mesmo endereço. Todos estamos aceitando e propagando por palavras esse postulado como sendo necessário para a competitividade futura das corporações e das nações. Afinal, não há como garantir competitividade empresarial se nossas empresas estiverem locadas em ambientes miseráveis e ignorantes.

Num momento importante como esse, somos surpreendidos pelas notícias sobre a qualidade de nossa educação nacional. Apesar de conhecermos o fato há muito tempo, não haviam evidências tão claras sobre a pobreza da mesma até sermos impactados pelas recentes notícias da mídia sobre o desastre que está a educação de nossos jovens. Pior que o resultado em si dos recentes exames a nível mundial, que colocaram o jovem estudante brasileiro em último lugar em um exame comparativo entre 32 países, foi a aceitação do alto escalão do Governo Federal que se conformou com o resultado, argumentando que esse resultado poderia ter sido ainda pior. Difícil imaginar o que poderia ser pior do que o último lugar e a lanterninha do campeonato!!!! Não bastasse esse desastre internacional, o recente Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mostrou a dura verdade da educação brasileira. O exame realizado anualmente mostrou uma involução da educação em relação ao ano anterior e a representatividade do exame pode ser atestada pelos mais de 1,5 milhões de jovens que o realizaram. As conclusões foram dramáticas: nosso estudante de nível médio não domina a gramática, tampouco a escrita e não entende o que está lendo. Em escala de zero a cem, os alunos fizeram média entre 40 e 50 para os diversos quesitos analisados. A questão considerada mais complexa pelos alunos, frente ao índice de acerto de apenas 7%, foi uma que pedia aos mesmos que relacionassem o conceito de produtividade com informações sobre volume de produção e área plantada por agricultores de algodão de uma cooperativa hipotética. Esse é um dos velhos

problemas da educação brasileira, que é sua incapacidade em auxiliar os estudantes em relacionar a vida do cotidiano com a educação recebida. Pouquíssimas escolas ensinam os alunos a calcular taxas de juros, prestações de uma compra a prazo ou a entender o mecanismo de uma caderneta de poupança. Na maioria das vezes o prioritário é tentar cumprir o programa sobre polinômios e trigonometria, sem se perceber que o aluno ainda não sabe regra de três, a base fundamental de todas as engenharias. Os resultados dos dois exames mostram uma defasagem entre o ensino e o nível de qualificação do estudante. Em resumo, isso quer dizer o seguinte: o nosso aluno de 16-18 anos tem o nível educacional de um estudante europeu de 12-14 anos. Será que poderemos basear nossa competitividade em um contingente de trabalhadores futuros que têm dificuldade de entendimento do que lêem. Ou deixaremos essas pessoas excluídas do processo de desenvolvimento? A solução é clara, há que se reforçar substancialmente os investimentos em educação no Brasil. Precisamos dar cultura e saber à sociedade. Não basta querer oferecer cestas básicas. A comida será engolida e processada, mas os neurônios continuarão engessados. Nossas empresas do setor de celulose e papel até que têm investido bastante na educação de seu corpo de colaboradores, cada vez mais reduzido pelos avanços que a tecnologia e as novas formas de gestão oportunizam. Está tentando transformar seus talentos intelectuais em recursos mais qualificados e competitivos. Isso é ótimo e perfeitamente compreensível para avançar no processo de crescimento e globalização. Entretanto, são poucas as iniciativas de investir no aumento da qualificação das pessoas da comunidade onde estão atuando, até mesmo dos familiares dos colaboradores. Será que o entendimento é de que isso não agrega competitividade e a iniciativa é vista apenas como custo? Fica sempre a impressão para o executivo de que essa tarefa é função do governo, de alguém mais que não nós mesmos. Reclamamos da qualidade da educação, da incompetência dos órgãos públicos, mas estamos longe de nos oferecermos com todo o arsenal de recursos que dispomos para também atuar na melhoria da educação.

Hoje, o aluno de ensino médio não consiste mais do clássico estudante que queria prestar vestibular mais tarde. Nos bancos escolares já encontramos muitos quarentões e muitas pessoas humildes que estão distantes de almejam um vestibular. São brasileiros que perceberam a necessidade de se qualificar melhor para buscar novas oportunidades. Com todas as dificuldades que enfrentam, oferecem como contrapartida a disposição e a vontade de encontrar caminhos melhores em suas vidas através da educação. Há muitos fatores que atuam para agravar o problema e dificultam as soluções, como por exemplo: os diferentes níveis sócio-econômicos dos alunos, a enorme falta de recursos das escolas e a falta de motivação dos professores, cada dia mais mal pagos em termos de salário real.

Cabe a nós, como parte integrante e com liderança na sociedade, como igualmente responsáveis por um Brasil melhor, mergulhar fundo nesse problema para ajudar a resolvê-lo. A postura de quem já paga impostos e muitos, logo não é minha responsabilidade é de uma ingenuidade perversa e burra. O futuro pode nos reservar surpresas desagradáveis por não dispormos dos recursos humanos capazes de nos auxiliar a conquistar nosso espaço empresarial e nosso espaço de nação. Hoje, temos que ser competitivos não apenas para conquistar mercados externos, mas também para impedir que nosso espaço doméstico seja conquistado por alguém de fora. E nosso mercado interno é justamente essa enorme quantidade de brasileiros que precisam e demandam uma melhor qualidade de educação e que precisam conhecer mais desse mundo cada vez mais evoluído tecnologicamente. Vocês que detém o poder nas empresas, já pensaram alguma vez em oferecer um sistema de televisão a cabo para a escola do lado de sua empresa. Vocês por acaso já notaram como suas crianças se entretém maravilhadas com canais culturais como Discovery Channel, Futura ou National Geographic?

Só mais um comentário: tenho absoluta certeza que as empresas do setor de papel e celulose receberão todo o apoio de seu corpo de colaboradores para ajudar voluntariamente na melhoria da qualidade educacional e cultural das comunidades onde atuam. Apenas se organizem para fazê-lo e se surpreenderão

com a enorme quantidade de pessoas que se oferecerão para ajudar a levar essa bandeira. Digo isso como educador voluntário que sou há anos e pelo que conheço das pessoas que atuam no setor. Essa bandeira é a nossa bandeira, é a bandeira de nosso país, de nossa gente, de nossos irmãos, é o nosso futuro e de nossos filhos. Queremos ter orgulho de sermos brasileiros em um país sem exclusões e sem excluídos, não apenas por ser competitivo em produzir as melhores das celuloses e dos papéis, mas por ter um papel de destaque na formação e desenvolvimento de sua gente.